

PATRIC DEVYD GOMES VIEIRA

**PEDAGOGIA DO ACOLHIMENTO COMO FACILITADORA DO  
ENSINO DO ALUNO AUTISTA**

**ISBN:** 978-65-83124-44-9

**DOI:** <https://doi.org/10.58871/06254862522>

1ª Edição

**EDITORA ACADEMIC**

Campo Alegre de Lourdes – Bahia, maio de 2026



Copyright© dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo do e-book, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Revisão e normalização: os autores e autoras.

**Preparação e diagramação:** Júnior Ribeiro de Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

V658p Vieira, Patríc Devyd Gomes.  
Pedagogia do acolhimento como facilitadora do ensino do aluno autista [livro eletrônico] / Patríc Devyd Gomes Vieira. – 1. ed. – Campo Alegre de Lourdes: Editora Academic, 2026.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-83124-44-9

1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Ensino – Práticas pedagógicas.. I. Título.

CDD 371.94

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## APRESENTAÇÃO

Em particular, a Pedagogia do Acolhimento como Facilitadora do Ensino para Alunos Autistas é uma reflexão acadêmica e pedagógica sobre os desafios, oportunidades e transformações necessárias para integrar práticas inclusivas com alunos autistas. Em uma era em que alunos autistas nas escolas são cada vez mais comuns, não devemos apenas tolerar que não estamos fisicamente presentes em uma sala de aula, mas devemos fazer parte do clima escolar (para receber cuidado e educação). Esta Pedagogia do Acolhimento é uma perspectiva dos professores para entender a afetividade, a escuta sensível, a acessibilidade pedagógica e o respeito pela singularidade humana, que é um ensino mais humano e democrático.

Este trabalho é baseado em referências atuais sobre educação inclusiva, neurodiversidade e práticas pedagógicas para alunos autistas em termos de discussões teóricas, análises pedagógicas, quadros explicativos e reflexões que foram baseadas em autores recentes na educação. O objetivo do livro é contribuir para a formação acadêmica e o sucesso prático de professores, gestores escolares, profissionais de educação especial, pesquisadores e outras pessoas relevantes na construção de uma escola inclusiva. Também é discutido como o acolhimento pedagógico favorece a aprendizagem, a socialização, o desenvolvimento emocional e a autonomia do aluno autista (que são direitos, potencialidades e engajamento social na sala de aula).

No primeiro capítulo, a Pedagogia do Acolhimento na educação inclusiva é articulada e os conceitos de afetividade, escuta sensível, flexibilidade curricular e estrutura de ambientes acessíveis são discutidos. O capítulo deixa claro que o acolhimento não deve ser visto como uma atitude afetiva espontânea, mas como um princípio pedagógico estruturado da escola inclusiva. Também mostra que as práticas de acolhimento dizem respeito à segurança emocional e que a aprendizagem do aluno autista é potencializada.

O segundo capítulo trata do Transtorno do Espectro Autista e dos principais desafios da inclusão escolar. Barreiras pedagógicas, sensoriais, comunicacionais e atitudinais na vida escolar, as barreiras para o sucesso e métodos para lidar com elas. O capítulo aponta que a exclusão escolar é mais frequentemente o resultado da rigidez institucional do que das características

dos alunos, de modo que a cultura escolar precisa mudar e o cenário de aprendizagem pode ser mais bem integrado e que precisamos ter uma cultura mais inclusiva para apoiar isso.

No terceiro capítulo, o trabalho é mais detalhado na explicação da afetividade, escuta sensível e relações no ensino de alunos autistas. Com base na análise de autores contemporâneos, afirma que a relação pedagógica baseada na confiança, empatia e respeito pelas diferenças é muito mais benéfica para o engajamento escolar e o desenvolvimento do aluno. Também é observado que o vínculo afetivo é um mecanismo importante que medeia a aprendizagem; especialmente para alunos que estão enfrentando dificuldades com interação social e comunicação.

O quarto capítulo é dedicado a estratégias pedagógicas de acolhimento no processo de ensino-aprendizagem. Práticas como planejamento individualizado, recursos visuais, flexibilidade curricular, organização sensorial dos ambientes, atividades lúdicas e avaliação inclusiva são examinadas. A aprendizagem do aluno autista é centrada na criação de métodos acessíveis e intencionalmente planejados que respeitam diferentes formas de aprender e participam do contexto escolar.

No quinto capítulo, discutimos a Pedagogia do Acolhimento como uma forma de unir uma escola humanizada e inclusiva. A análise destaca a gestão democrática, o combate ao capacitismo, a formação contínua dos profissionais da educação e o envolvimento da família na criação de um ambiente escolar seguro. Como explicado no capítulo, a inclusão de estudantes autistas precisa de um esforço coletivo e de uma mudança institucional para se tornar realidade; uma escola inclusiva é aquela que respeita a diversidade dos seres humanos como parte da experiência educacional.

Assim, esperamos que esta obra abra nossos olhos, promova uma pedagogia inclusiva e fomente escolas que realmente valorizem a dignidade humana, a equidade e o direito à aprendizagem para todos os estudantes. E o livro não discutirá apenas como ensinar crianças autistas e, nesse sentido, a escola como um todo; acolher é reconhecer, respeitar e fazer parte de uma sociedade viva e contribuir para ela.



## SUMÁRIO

CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA DO ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	6
CAPÍTULO II: O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR .....	13
CAPÍTULO III: AFETIVIDADE, ESCUTA SENSÍVEL E CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NO ENSINO DO ALUNO AUTISTA.....	19
CAPÍTULO IV: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS ACOLHEDORAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM .....	25
CAPÍTULO V: A PEDAGOGIA DO ACOLHIMENTO COMO CAMINHO PARA UMA ESCOLA HUMANIZADA E INCLUSIVA .....	31



## CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA DO ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Pedagogia do Acolhimento é um modelo educacional de escuta, amor, compreensão das diferenças e construção de pontes para apoiar todos os alunos a aprenderem o máximo possível. E para os alunos autistas, isso é ainda mais importante porque a educação é sobre comunicação e socialização, organização cognitiva e percepção sensorial.

Uma escola acolhedora não apenas recebe um aluno, mas também altera suas práticas para garantir a permanência (conexão, participação e aprendizado). Assim, acolher é reconhecer que o aluno é humano no sentido de que o aluno é humano em direitos, potencial e necessidades, e direitos humanos, potencial e necessidades e direitos de direitos, potencial, assim como a humanidade do aluno. O aluno não é apenas um fornecedor de material e a escola não é apenas um fornecedor de conteúdo para a escola, mas uma coleção de pessoas das quais os alunos não são apenas uma fonte de conteúdo para a escola, mas também uma comunidade de pessoas com quem a escola está conectada e por quem nos importamos e com quem a escola está profundamente conectada e com o que se importa e contribui para a vida humana e o mundo.

A educação inclusiva deve ir além da pedagogia tradicional e reconhecer que os alunos estão aprendendo coisas diferentes. Uma criança autista pode ter certas habilidades, mas não outras, então uma abordagem pedagógica flexível é necessária para elas. A Pedagogia do Acolhimento é uma maneira de um professor olhar além do diagnóstico para entender seus interesses, formas de expressão, necessidades emocionais e ritmos de aprendizagem. A inclusão torna-se muito mais do que uma exigência legal na escola; é também uma realidade na vida escolar. Acolher é criar condições reais para que o aluno autista participe da vida escolar com dignidade.

Como Souza (2025) apontou, estudos científicos brasileiros sobre autismo e inclusão escolar levaram a investigações educacionais sobre o assunto, e agora a prevalência de alunos com TEA na Educação Básica faz parte do sistema. Essa constatação é mais um lembrete de que a escola precisa mudar e adotar uma política que seja sistemática, bem pensada e contínua. O apoio

pedagógico não pode ser visto como um ato espontâneo ou afetivo, mas sim como um passo intencional na direção certa que envolve conhecimento técnico, ternura humana e compromisso social. Para o aluno autista, essa articulação é importante porque significa que suas necessidades podem ser atendidas pedagogicamente e não apenas como obstáculos e problemas comportamentais.

O apoio pedagógico trata de criar um ambiente emocionalmente seguro. Muitos alunos autistas ficam ansiosos quando enfrentam coisas novas, eles são sensíveis a estímulos de alta intensidade, interações sociais complexas ou atividades mal estruturadas. Quando as rotinas escolares são ordenadas, claras, previsíveis e planejadas, e os alunos participam e mantêm o tempo necessário, a segurança emocional não substitui o ensino do conteúdo escolar em sala de aula, mas sim cria as condições para que esse ensino ocorra melhor. A Pedagogia do Acolhimento reconhece que emoção, cognição e socialização são partes integrantes da aprendizagem.

A relação professor-aluno é um dos pilares centrais da Pedagogia do Acolhimento. O professor acolhedor adota uma atitude de observação e espera, cuidado e mediação para evitar descartar as dificuldades do aluno autista como falta de interesse ou indisciplina. Por exemplo, isolamento, resistência à atividade, agitação e choro demonstram sobrecarga sensorial, dificuldades de comunicação ou insegurança em meio à rotina. Quando os educadores reconhecem esses sinais, podem fazer intervenções mais adequadas e respeitadas. O vínculo afetivo é, assim, uma ponte entre o aluno e o conhecimento, e lhe confere confiança, participação e independência.

Garcia (2026) afirma que práticas educacionais inclusivas para alunos com TEA exigem que o contexto escolar considere adaptações pedagógicas, organização de estratégias e participação ativa dos profissionais envolvidos no processo educacional. Esse entendimento está diretamente relacionado à Pedagogia do Acolhimento, que explica que a inclusão não acontece fazendo coisas isoladamente, mas por meio de um conjunto de decisões pedagógicas e institucionais. A escola precisa abordar o currículo, a avaliação, a comunicação, o espaço físico e a convivência. Quando tudo isso é considerado de uma vez, o aluno autista tem mais chances de se engajar nas atividades e mostrar o que está aprendendo.



A Pedagogia do Acolhimento também reconhece a acessibilidade pedagógica como importante. Acessibilizar o ensino significa organizar recursos, metodologias e avaliações de modo que o estudante consiga compreender e participar das propostas. No caso do aluno autista, recursos visuais, materiais concretos, sequências ilustradas, comunicação alternativa, atividades estruturadas e pausas regulatórias podem ser fundamentais. Essas estratégias não representam privilégio, mas garantia de equidade, pois oferecem condições diferenciadas para que o direito à aprendizagem seja efetivado. Assim, a escola acolhedora compreende que tratar todos de maneira igual nem sempre significa promover justiça educacional.

A participação da família é outro elemento essencial da Pedagogia do Acolhimento. A família conhece aspectos importantes da rotina, da comunicação, dos interesses e das sensibilidades do aluno autista, podendo contribuir para que a escola compreenda melhor suas necessidades. Quando escola e família constroem relação de confiança, as estratégias pedagógicas tornam-se mais coerentes e o estudante recebe apoio mais consistente. O acolhimento também deve alcançar os responsáveis, que muitas vezes chegam à escola marcados por experiências de exclusão, medo ou julgamento. Portanto, acolher a família é fortalecer a rede de cuidado educativo em torno do estudante.

A gestão escolar possui papel decisivo na consolidação de práticas acolhedoras. Não basta que apenas um professor esteja comprometido com a inclusão se a instituição não oferece apoio, formação, recursos e orientação pedagógica. A gestão precisa organizar momentos de estudo coletivo, promover diálogo com famílias, articular profissionais de apoio e garantir que o projeto político-pedagógico contemple a inclusão como princípio estruturante. Uma escola acolhedora depende de corresponsabilidade institucional. Por isso, a Pedagogia do Acolhimento deve ser assumida como cultura escolar, e não como iniciativa individual limitada à sala de aula.

A seguir, apresenta-se uma tabela 01 que sistematiza os principais fundamentos da Pedagogia do Acolhimento aplicados à educação inclusiva do aluno autista. A tabela foi construída para organizar os elementos centrais dessa abordagem, indicando sua manifestação no cotidiano escolar e os efeitos esperados no processo de ensino-aprendizagem. Sua função é demonstrar que o acolhimento não é uma ação única, mas um conjunto de práticas articuladas

que envolvem vínculo, planejamento, acessibilidade, participação familiar e gestão democrática. Dessa maneira, a tabela auxilia a visualizar como a escola pode transformar princípios inclusivos em ações pedagógicas concretas.

**Tabela 01** – Organização dos elementos centrais dessa abordagem da pedagogia do acolhimento.

<b>Fundamento</b>	<b>Como se manifesta na escola</b>	<b>Contribuição para o aluno autista</b>
<b>Afetividade</b>	Relações de confiança, respeito e empatia	Reduz ansiedade e fortalece participação
<b>Escuta sensível</b>	Observação das expressões verbais e não verbais	Permite compreender necessidades específicas
<b>Rotina estruturada</b>	Previsibilidade de horários e atividades	Favorece segurança emocional
<b>Flexibilização curricular</b>	Adaptação de métodos, recursos e avaliações	Amplia o acesso ao conhecimento
<b>Ambiente acessível</b>	Organização sensorial e comunicação visual	Melhora concentração e bem-estar
<b>Participação familiar</b>	Diálogo contínuo com responsáveis	Fortalece estratégias compartilhadas

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026).

A tabela demonstra que a Pedagogia do Acolhimento depende de fundamentos interligados. A afetividade, por exemplo, não produz seus efeitos de forma isolada se não estiver acompanhada de planejamento pedagógico e acessibilidade. Do mesmo modo, a rotina estruturada favorece segurança emocional, mas precisa estar associada à escuta sensível para que o professor perceba quando determinada estratégia precisa ser ajustada. O aluno autista beneficia-se mais quando a escola compreende o acolhimento como sistema de práticas articuladas. Assim, a tabela revela que acolher é organizar relações, espaços, tempos e metodologias de maneira intencional.

Outro ponto importante indicado pela tabela é a centralidade da flexibilização curricular. Adaptar atividades e avaliações não significa diminuir a capacidade do estudante ou reduzir seu direito ao conhecimento, mas permitir que ele acesse os conteúdos por caminhos compatíveis com suas formas de aprendizagem. Para o aluno autista, isso pode envolver uso de imagens, tarefas segmentadas, explicações objetivas, maior tempo de realização e diferentes formas de resposta. A discussão da tabela reforça, portanto, que a escola inclusiva precisa abandonar a ideia de um único modo correto de aprender e demonstrar conhecimento.

A tabela também mostra que o ambiente acessível possui impacto direto no ensino do aluno autista. Ambientes com excesso de ruído, estímulos visuais desorganizados ou mudanças repentinas podem dificultar a concentração e provocar sofrimento emocional. Portanto, a organização sensorial é essencial para o processo de planejamento pedagógico. Uma escola acolhedora aprende como o espaço interfere na aprendizagem e busca alternativas para torná-lo mais previsível, calmo e funcional. Esta análise mostra que a acessibilidade não é apenas física, mas também comunicacional, sensorial, relacional e curricular.

De acordo com Alves (2026), abordagens pedagógicas inclusivas para estudantes autistas são mais eficazes quando descobertas, implementadas e avaliadas colaborativamente dentro do ambiente escolar. Contribui para a ideia de não ver o acolhimento como improvisação, mas como um processo planejado e monitorado. Para apoiar a participação, o aprendizado e o bem-estar dos alunos, a escola deve saber se tais estratégias funcionam. Se uma ação não leva ao resultado esperado, deve-se revisá-la. Portanto, a pedagogia do Acolhimento precisa ser constantemente revisada.

O acolhimento também é uma questão de neurodiversidade. Essa perspectiva reconhece que muitas formas de funcionamento neurológico fazem parte da diversidade humana e não devem ser reduzidas à noção de deficiência. O aluno autista vê, coordena e comunica sua experiência no mundo à sua maneira. Quando a escola reconhece essa diversidade, ela deixa de pensar que a diferença é um desvio e passa a vê-la como parte do ser humano. Essa mudança de abordagem será crítica para ensinar uma pedagogia menos excludente e mais humanizada.

A Pedagogia do Acolhimento também destaca práticas capacitistas no contexto escolar. O capacitismo ocorre quando o aluno autista não conhece seu potencial, não tem opções, não recebe chances suficientes e é tratado como um estranho. Uma escola acolhedora não adota essa lógica, porque todos devemos ser capazes de aprender com apoio suficiente. Não se trata tanto de negar problemas, mas de se preparar para eles; de lidar com eles. Assim, o acolhimento é também uma postura moral contra a exclusão e a desvalorização das diferenças.

A formação contínua dos professores deve estar no centro da conversa. Para que um professor seja acolhido na escola, ele deve entender o TEA, conhecer estratégias de acessibilidade, refletir sobre sua própria prática e se relacionar com os outros. Boas intenções são importantes, mas não suficientes sem conhecimento e planejamento. A formação de professores ajuda a desconstruir visões simplistas do autismo e tornar as aulas mais seguras. O acolhimento também diz respeito ao respeito profissional e ao apoio institucional para a qualificação dos professores.

Se a convivência pode ser construída em uma escola saudável e acolhedora, todos os alunos podem aprender a reconhecer as diferenças. Não é tarefa do professor introduzir o aluno autista na sala de aula; é para toda a turma aprender a participar da interação humana. Atividades colaborativas, círculos de discussão e projetos de empatia, bem como mediação adequada, ajudam a construir relacionamentos saudáveis. Quando a convivência é ensinada na sala de aula e os alunos realmente começam a entendê-la e a se engajar com outros tipos de comunicação e participação. Assim, a inclusão está mudando a cultura escolar e fortalecendo os valores democráticos.

A Pedagogia do Acolhimento também expande a qualidade educacional. Uma escola de qualidade não é apenas aquela com bons resultados numéricos, mas a escola onde os alunos podem aprender, sentir que pertencem e ter dignidade. No caso do estudante autista, qualidade é ter professores preparados, espaços acessíveis, avaliações flexíveis, vínculos emocionais e reais oportunidades de participação. Essa concepção rompe com uma visão restrita de desempenho e incorpora dimensões humanas ao processo educativo. Assim, acolher é também qualificar a educação.

Portanto, os fundamentos da Pedagogia do Acolhimento revelam que a inclusão do aluno autista exige mudança profunda na organização escolar. Acolher não é apenas demonstrar carinho, mas planejar, adaptar, observar, avaliar e construir relações de confiança. A escola acolhedora compreende que o estudante autista aprende quando encontra condições emocionais, pedagógicas e sociais adequadas. Ao articular afetividade, escuta sensível, rotina estruturada, acessibilidade, participação familiar e formação docente, a Pedagogia do Acolhimento torna-se caminho potente para facilitar o ensino. Desse modo, ela contribui para uma educação inclusiva, humanizada e comprometida com o direito de aprender.

## **CAPÍTULO II: O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR**

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social, os interesses, os comportamentos e a forma como a criança percebe os estímulos ambientais na escola. E no ambiente escolar de um aluno autista, essas características precisam ser planejadas e práticas pedagógicas sensíveis que respeitem as características únicas de cada aluno. O autismo é um espectro amplo e não há um único perfil de aluno autista. Alguns alunos podem ter desenvolvido a linguagem oral; outros precisam de comunicação alternativa; alguns mostram autonomia em algumas atividades, e outros precisam de mais apoio. Portanto, a inclusão é pessoal e precisa ser personalizada.

As escolas regulares são fundamentais para o desenvolvimento de crianças autistas, pois oferecem oportunidades para aprender, socializar e desenvolver autonomia e envolvimento cívico para o futuro também. Contudo, a presença física do estudante na sala comum não garante inclusão efetiva. Para que a inclusão aconteça, a escola precisa identificar e remover barreiras pedagógicas, comunicacionais, sensoriais, atitudinais e institucionais. A Pedagogia do Acolhimento contribui para esse processo ao orientar práticas fundamentadas na escuta, no vínculo e na reorganização das condições de ensino.

Portanto, a dificuldade não é apenas do aluno, mas também devido às barreiras escolares. Camargo (2024) cita essas questões sobre a inclusão de estudantes com autismo e como os professores estão envolvidos na vida dos alunos e como podemos ter uma educação mais justa e acessível. Este estudo mostra que a inclusão não é apenas sobre os alunos, mas também sobre a prática pedagógica. Como os alunos autistas podem aprender, interagir e se integrar à comunidade escolar, e como se adaptar para atender às suas necessidades na escola é responsabilidade da escola.

Nesse contexto, acolher é um princípio fundamental para transformar desafios em soluções pedagógicas. Como resultado, há muita comunicação para o aluno autista. Se o professor apenas entender a fala oral como uma forma legítima de comunicação, ele pode não perceber o que realmente está

acontecendo com o aluno. A Pedagogia do Acolhimento ajudaria a expandir essa perspectiva ao ver gestos, expressões, imagens, comportamentos e outras formas de comunicação como expressões. Dessa forma, o aluno participará mais das atividades escolares e será mais compreendido. A interação social também é um dos maiores desafios para muitos alunos autistas.

A escola é um lugar de intensa interação, com regras sendo claramente e implicitamente aplicadas, grupos de pessoas engajados em atividades, mudanças de grupo, muitas formas de comunicação e muito mais. O problema para o aluno autista é que, sem a mediação, não há como resolver isso para que o aluno autista possa superar. O professor deve liderar a turma, promover a colaboração e permitir que o aluno participe sem se sentir envergonhado. A inclusão social não acontece apenas através da proximidade física; requer intencionalidade pedagógica e respeito.

Pantoja (2023) explica que entender como a inclusão de alunos com TEA faz parte do processo de educação regular ajuda a ver os limites e possibilidades das práticas realizadas pela escola. Isso contribui para a noção de que a inclusão deve estar na sala de aula e no mundo real. O discurso institucional é sempre aquele que parece inclusivo, mas as práticas não são, e são inacessíveis e distantes das necessidades do aluno. A Pedagogia do Acolhimento ajuda a diminuir essa distância entre discurso e prática, pois exige ações observáveis e avaliáveis.

As barreiras sensoriais constituem um desafio expressivo no cotidiano escolar do aluno autista. Sons intensos, excesso de cartazes, iluminação forte, cheiros marcantes e movimentação constante podem provocar desconforto e desorganização emocional. Quando a escola não considera esses aspectos, pode interpretar reações sensoriais como indisciplina ou oposição. Acolher pedagogicamente significa compreender que o corpo do estudante também participa da aprendizagem. Portanto, organizar o ambiente, reduzir estímulos excessivos e permitir pausas regulatórias são medidas que favorecem bem-estar, concentração e participação.

A formação docente aparece como outro grande desafio. Muitos professores relatam insegurança diante da inclusão do aluno autista, principalmente quando não receberam formação adequada sobre TEA, estratégias pedagógicas acessíveis e comunicação alternativa. Essa

insegurança pode gerar práticas baseadas em tentativa e erro, sem planejamento consistente. A formação continuada precisa oferecer subsídios teóricos e práticos, permitindo que o professor compreenda melhor as necessidades do estudante e planeje intervenções adequadas. Acolher o aluno também significa acolher o professor, oferecendo-lhe suporte institucional para realizar seu trabalho com qualidade.

A gestão escolar interfere diretamente na qualidade da inclusão. Quando a gestão assume postura democrática, organiza recursos, promove formação, acompanha práticas e dialoga com famílias, o processo inclusivo torna-se mais consistente. Por outro lado, quando a inclusão é tratada apenas como responsabilidade individual do professor, há risco de sobrecarga docente e fragilização do atendimento ao estudante. A Pedagogia do Acolhimento exige que a instituição como um todo se comprometa com a aprendizagem do aluno autista. Portanto, a inclusão deve estar presente no projeto político-pedagógico e nas decisões cotidianas da escola.

A seguir, apresenta-se uma tabela 02 que organiza os principais desafios da inclusão escolar do aluno autista, relacionando-os às consequências possíveis e às estratégias de enfrentamento. A tabela permite compreender que os desafios não são problemas isolados, mas dimensões interligadas que afetam o acesso ao currículo, a convivência e o desenvolvimento do estudante. Ao mesmo tempo, ela demonstra que cada barreira pode ser enfrentada por meio de ações pedagógicas e institucionais. Portanto, a tabela funciona como instrumento de análise e planejamento para a escola inclusiva.

Tabela 02 - Os principais desafios da inclusão escolar do aluno autista

<b>Desafio</b>	<b>Consequência no cotidiano escolar</b>	<b>Estratégia de enfrentamento</b>
<b>Comunicação limitada</b>	Dificuldade de expressar necessidades	Uso de recursos visuais e comunicação alternativa
<b>Barreiras sensoriais</b>	Ansiedade, irritabilidade e baixa concentração	Organização sensorial do ambiente

<b>Metodologias rígidas</b>	Baixa participação nas atividades	Flexibilização curricular
<b>Falta de formação docente</b>	Insegurança e práticas inadequadas	Formação continuada e apoio pedagógico
<b>Preconceito e capacitismo</b>	Isolamento e baixa expectativa	Cultura inclusiva e conscientização
<b>Fragilidade da gestão</b>	Ações isoladas e descontinuidade	Planejamento institucional e gestão democrática

**Fonte:** Dados da pesquisa (2026).

A tabela mostra que os desafios da inclusão escolar têm efeitos diretos na participação de alunos autistas. A comunicação limitada, por exemplo, pode dificultar a expressão de necessidades básicas e acadêmicas, por isso são necessários recursos alternativos. Barreiras sensoriais podem afetar o comportamento, a concentração e o bem-estar, e assim é necessária a reorganização do espaço. Como resultado, a tabela mostra que muitas das dificuldades que o aluno enfrenta podem estar ligadas à falta de condições no ambiente escolar. Para erradicar tais barreiras, é importante identificá-las.

A tabela também demonstra que métodos rígidos dificultam a aprendizagem. Se todos os alunos são ensinados e avaliados da mesma forma, isso pode prejudicá-los onde eles podem não entender e comunicar o conhecimento. Em outras palavras, para o aluno autista, a flexibilidade curricular é útil, assim como o acesso ao conteúdo, como imagens, objetos concretos, atividades segmentadas e avaliações diversificadas. Ajuda a ver que a adaptação não significa que o valor da aprendizagem é diminuído; trata-se de justiça educacional.

A tabela aborda o preconceito e o capacitismo. Muitas barreiras enfrentadas por alunos autistas não são simplesmente materiais, mas atitudinais. Se professores, colegas de classe ou membros da família acreditam que o aluno não é capaz de aprender, então o aluno para de aprender. Uma escola acolhedora deve desafiar essas restrições de aprendizagem e desenvolver uma cultura que reconheça a neurodiversidade. Esta discussão deixa claro que acolher não é apenas uma ferramenta pedagógica; é ético na forma como vemos as diferenças.

Como afirma Moura (2024), incluir alunos com TEA na sala de aula é ser sensível às necessidades individuais do aluno e estabelecer práticas pedagógicas que possam ser adaptadas às suas experiências. Isso acrescenta ao quadro da tabela, já que não conseguimos realizar todas essas coisas por uma única medida. A escola precisa ser capaz de articular formação, adaptação curricular, recursos, gestão e diálogo com a família. Só assim o aluno autista pode ir além da presença física e ter um senso de pertencimento.

Onde falta apoio institucional, isso pode afetar o trabalho inclusivo. Professores que trabalham sem orientação, recursos ou apoio não têm as habilidades para adaptar atividades e lidar com situações complicadas. A Pedagogia do Acolhimento requer que a inclusão seja coordenada com a gestão pedagógica, os profissionais de apoio e a família. As decisões serão então compartilhadas e o aluno receberá um apoio mais equilibrado. A inclusão não deve ser isolada, mas colaborativa.

A avaliação escolar também é um grande problema. Muitos instrumentos de avaliação tradicionais não permitem que o aluno autista demonstre bem sua aprendizagem, especialmente quando exigem respostas longas, apresentações orais ou rapidez na execução. Avaliações acolhedoras precisam ser diversificadas, processuais e compatíveis com os objetivos definidos para o estudante. O professor pode utilizar observações, portfólios, atividades práticas, registros de participação e produções mediadas. Assim, avaliar deixa de ser apenas medir resultado e passa a acompanhar o desenvolvimento.

A inclusão também exige atenção ao recreio, às entradas, às saídas e aos momentos menos estruturados da rotina escolar. Muitas dificuldades sociais e sensoriais aparecem justamente nesses períodos, quando há maior barulho, movimentação e imprevisibilidade. A escola acolhedora precisa planejar também esses momentos, garantindo mediação e segurança. Isso mostra que a inclusão não acontece apenas durante a aula formal, mas em toda a experiência escolar. O aluno autista tem direito de participar da escola em sua totalidade.

A participação da família pode auxiliar na superação dos desafios. Responsáveis podem informar sobre sinais de ansiedade, formas de comunicação, preferências alimentares, sensibilidades sensoriais e estratégias que ajudam na autorregulação. Quando a escola escuta essas informações, consegue planejar melhor suas ações. O diálogo família-escola também permite

alinhar expectativas e construir confiança. Assim, a inclusão torna-se mais efetiva quando reconhece a família como parceira, e não apenas como destinatária de comunicados escolares.

A convivência com o aluno autista também transforma os demais estudantes. Quando bem mediada, essa convivência ensina respeito, paciência, cooperação e valorização das diferenças. A inclusão não beneficia apenas o estudante com TEA, mas toda a turma, pois amplia experiências sociais e humanas. A escola que acolhe educa para a cidadania e para a vida em sociedade. Dessa forma, os desafios da inclusão podem tornar-se oportunidades de crescimento coletivo, desde que sejam enfrentados com planejamento e compromisso.

Portanto, os desafios da inclusão escolar do aluno autista exigem respostas pedagógicas, institucionais e sociais articuladas. Comunicação, interação, sensorialidade, avaliação, formação docente, gestão e cultura escolar precisam ser considerados de maneira integrada. A Pedagogia do Acolhimento contribui para enfrentar essas barreiras porque coloca o estudante no centro do processo educativo e orienta a escola a construir práticas mais humanas e acessíveis. Assim, a inclusão deixa de ser promessa formal e passa a constituir experiência real de aprendizagem, pertencimento e desenvolvimento.

### **CAPÍTULO III: AFETIVIDADE, ESCUTA SENSÍVEL E CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NO ENSINO DO ALUNO AUTISTA**

A afetividade é um elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem, principalmente quando se trata da escolarização do aluno autista. A aprendizagem não ocorre de maneira isolada das emoções, pois o estudante precisa sentir-se seguro para participar, experimentar, errar e tentar novamente. Para muitos alunos com TEA, o ambiente escolar pode ser desafiador em razão de ruídos, mudanças, interações sociais complexas e exigências comunicacionais. Nesse contexto, o vínculo afetivo com o professor torna-se uma referência de segurança. A Pedagogia do Acolhimento valoriza essa dimensão ao compreender que relações respeitadas favorecem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

A escuta sensível consiste na capacidade de compreender o estudante para além da linguagem verbal. Muitos alunos autistas expressam necessidades por meio de gestos, expressões faciais, movimentos repetitivos, aproximações, afastamentos ou mudanças de comportamento. O professor acolhedor procura interpretar essas manifestações com cuidado, evitando julgamentos apressados. Essa postura permite identificar desconfortos, interesses, medos e formas de participação. A escuta sensível exige tempo, observação e disposição para compreender o aluno como sujeito singular. Assim, a escola passa a responder melhor às necessidades reais do estudante.

Conforme Resende e Silva (2023), a inclusão de crianças autistas no ensino regular público demanda compreensão das características do TEA e atenção aos aspectos educacionais que interferem na participação do estudante. Essa contribuição reforça a importância da afetividade e da escuta, pois conhecer o aluno é condição para acolhê-lo adequadamente. Quando a escola compreende suas especificidades, consegue planejar práticas mais coerentes. O vínculo afetivo, portanto, não é espontaneísmo, mas resultado de conhecimento, convivência e compromisso pedagógico. O estudante autista precisa ser conhecido em sua individualidade.

A construção de vínculos favorece a adaptação do aluno autista à rotina escolar. Quando o estudante confia no professor, tende a aceitar melhor orientações, transições e novas propostas. Esse vínculo não elimina

dificuldades, mas cria uma base emocional para enfrentá-las. O professor torna-se mediador entre o aluno e o mundo escolar, ajudando-o a compreender regras, atividades e relações. A afetividade, nesse sentido, não substitui a mediação pedagógica; ela a fortalece. Por meio do vínculo, o ensino torna-se mais acessível e humanizado.

A afetividade também contribui para reduzir comportamentos de isolamento. Muitos alunos autistas podem afastar-se de atividades coletivas por insegurança, dificuldade de comunicação ou experiências anteriores de rejeição. Quando o professor cria um ambiente acolhedor, o estudante passa a experimentar a convivência com menor medo. Isso exige práticas respeitadas, que não exponham o aluno ao constrangimento nem o obriguem a interagir de maneira abrupta. A socialização precisa ser mediada de forma gradual, considerando limites, interesses e possibilidades. Assim, o acolhimento favorece participação sem violência simbólica.

Segundo Steciuk (2024), as práticas pedagógicas aplicadas à Educação Infantil com crianças autistas precisam considerar recursos e intervenções que favoreçam inclusão, aprendizagem e participação. Embora sua análise esteja voltada à infância, essa compreensão pode ser ampliada para outras etapas, pois demonstra que a prática inclusiva exige mediação cuidadosa. A afetividade, nesse contexto, aparece como elemento que sustenta a relação pedagógica e permite que as estratégias sejam melhor recebidas pelo estudante. Quando o aluno se sente respeitado, a intervenção pedagógica tende a ser mais efetiva.

O professor precisa compreender que comportamento também comunica. Uma recusa em realizar determinada atividade pode indicar dificuldade de compreensão, medo de errar, sobrecarga sensorial ou ausência de sentido na proposta. A escuta sensível ajuda o educador a investigar a causa do comportamento antes de reagir com punição. Essa mudança de postura é fundamental para o aluno autista, que muitas vezes não consegue explicar verbalmente o que sente. A Pedagogia do Acolhimento orienta que a resposta docente seja investigativa, ética e mediadora. Assim, o comportamento é interpretado como informação pedagógica.

Os interesses específicos do estudante autista podem ser utilizados como pontes para a aprendizagem. Muitos alunos apresentam forte interesse por determinados temas, objetos, personagens, números, mapas, animais,

tecnologias ou áreas do conhecimento. Quando o professor incorpora esses interesses ao planejamento, aumenta o engajamento e amplia a comunicação. Essa estratégia não significa limitar o currículo ao interesse do aluno, mas utilizá-lo como ponto de partida para novos aprendizados. A afetividade aparece também no reconhecimento daquilo que mobiliza o estudante. Valorizar seus interesses é reconhecer sua subjetividade.

A construção de vínculos deve envolver também os colegas de turma. O aluno autista não precisa apenas de relação positiva com o professor, mas de um ambiente coletivo que respeite suas diferenças. A escola pode desenvolver atividades de sensibilização, projetos de convivência e práticas colaborativas que fortaleçam a empatia entre os estudantes. Quando os colegas compreendem que existem diferentes formas de comunicação e participação, a convivência torna-se mais respeitosa. A afetividade, portanto, não é apenas individual; ela deve compor a cultura relacional da sala de aula.

A seguir, apresenta-se tabela 03 com estratégias afetivas e de escuta sensível que podem ser aplicadas ao ensino do aluno autista. A tabela organiza práticas que fortalecem vínculo, segurança emocional, comunicação e participação social. Seu objetivo é mostrar que a afetividade pode ser traduzida em ações pedagógicas concretas, e não apenas em intenção subjetiva. Assim, a tabela ajuda a compreender como o professor pode transformar acolhimento em prática cotidiana, observável e planejada.

Tabela 03 - Estratégias afetivas e de escuta sensível que podem ser aplicadas ao ensino do aluno autista.

<b>Estratégia afetiva</b>	<b>Aplicação pedagógica</b>	<b>Resultado esperado</b>
<b>Escuta sensível</b>	Observar gestos, expressões e comportamentos	Compreensão das necessidades do aluno
<b>Vínculo de confiança</b>	Relação respeitosa e previsível com o professor	Maior segurança emocional
<b>Valorização de interesses</b>	Uso de temas preferidos nas atividades	Aumento do engajamento

<b>Mediação das interações</b>	Apoio nas relações com colegas	Ampliação da convivência social
<b>Rotina afetiva</b>	Recepção, combinados e transições cuidadosas	Redução da ansiedade
<b>Diálogo com a família</b>	Troca de informações sobre emoções e comportamentos	Apoio mais coerente ao estudante

**Fonte: Dados da pesquisa (2026).**

A tabela demonstra que a afetividade possui dimensão prática. A escuta sensível permite compreender sinais do aluno, enquanto o vínculo de confiança favorece segurança para participar das atividades. A valorização dos interesses aumenta o engajamento e mostra ao estudante que sua subjetividade é respeitada. A mediação das interações ajuda a evitar isolamento e conflitos. Desse modo, a tabela evidencia que acolher afetivamente é planejar formas de relação que favoreçam aprendizagem e desenvolvimento.

A discussão da tabela também revela a importância da rotina afetiva. Muitos estudantes autistas respondem melhor quando há previsibilidade não apenas nas atividades, mas também nas relações. Ser recebido de forma tranquila, compreender os combinados e ter apoio nas transições pode reduzir significativamente a ansiedade. Pequenos gestos do cotidiano, quando planejados, tornam-se estratégias pedagógicas relevantes. A escola acolhedora percebe que o modo de chegar, permanecer e sair da sala também influencia a aprendizagem.

Outro aspecto indicado pela tabela é o diálogo com a família. Emoções e comportamentos observados em casa podem ajudar a escola a compreender situações vivenciadas pelo aluno. Da mesma forma, avanços e dificuldades percebidos na escola podem orientar a família. Quando essa comunicação é respeitosa e contínua, o estudante recebe suporte mais consistente. A afetividade, nesse caso, amplia-se para uma rede de cuidado educativo. O aluno autista beneficia-se quando os adultos ao seu redor compartilham informações e estratégias.

Conforme Yaegashi (2022), estudos sobre o Atendimento Educacional Especializado destinado a alunos com TEA na Educação Infantil evidenciam a importância da mobilização entre escola e família para atender às necessidades da criança autista. Essa perspectiva reforça a discussão da tabela, pois mostra

que vínculos não são construídos apenas dentro da sala comum. O apoio especializado, a família e o professor precisam dialogar. A Pedagogia do Acolhimento valoriza essa articulação porque compreende o desenvolvimento do estudante como processo coletivo.

A afetividade também fortalece a autoestima do aluno autista. Quando o estudante é constantemente corrigido, ignorado ou comparado aos colegas, pode construir imagem negativa de si mesmo. Ao contrário, quando suas conquistas são reconhecidas, seus esforços valorizados e suas dificuldades acolhidas, ele tende a desenvolver maior confiança. Essa autoestima influencia diretamente a aprendizagem, pois o estudante que acredita em suas possibilidades participa com mais segurança. A escola precisa, portanto, reconhecer avanços pequenos e grandes, respeitando o percurso individual do aluno.

A escuta sensível ajuda a prevenir crises emocionais. Ao observar sinais de cansaço, irritação, medo ou sobrecarga, o professor pode intervir antes que a situação se intensifique. Essa intervenção pode envolver pausa, mudança de estratégia, explicação visual, redução de estímulos ou acolhimento verbal. A prevenção é mais respeitosa e eficaz do que a reação tardia. No ensino do aluno autista, antecipar necessidades é parte essencial da prática pedagógica. Acolher é também proteger o estudante de situações evitáveis de sofrimento.

A construção de vínculos não acontece imediatamente; ela exige continuidade, coerência e confiança. O aluno autista pode precisar de tempo para reconhecer o professor como referência segura. Por isso, mudanças constantes de profissionais, ausência de rotina e atitudes contraditórias podem dificultar o processo. A escola deve buscar estabilidade nas relações e clareza nas orientações. Quando o estudante percebe coerência, tende a desenvolver maior previsibilidade emocional. Assim, a continuidade do vínculo torna-se condição importante para o acolhimento.

A afetividade precisa ser compreendida de forma profissional e ética. O professor acolhedor não substitui a família nem atua de maneira improvisada; ele utiliza a relação pedagógica como instrumento de ensino e desenvolvimento. Isso exige limites, planejamento e responsabilidade. Acolher não significa permitir tudo, mas orientar com respeito. O aluno autista também precisa de regras claras, combinados acessíveis e mediação consistente. A diferença está

na forma como essas orientações são construídas: com empatia, clareza e respeito às suas necessidades.

A Pedagogia do Acolhimento contribui para humanizar a sala de aula. Ao valorizar vínculos, escuta e afetividade, ela transforma o ensino em experiência mais respeitosa para todos os estudantes. A presença do aluno autista convida a escola a rever práticas, ritmos, linguagens e formas de convivência. Essa revisão beneficia toda a turma, pois amplia as possibilidades de participação e reduz práticas autoritárias. A afetividade, portanto, não é apenas benefício individual, mas princípio de uma cultura escolar inclusiva.

Portanto, afetividade, escuta sensível e construção de vínculos são dimensões indispensáveis para o ensino do aluno autista. Elas criam segurança emocional, favorecem comunicação, ampliam participação e fortalecem a aprendizagem. A escola que acolhe compreende que o estudante precisa ser visto, ouvido e respeitado em sua singularidade. Ao transformar a relação pedagógica em espaço de confiança, o professor facilita o acesso ao conhecimento e contribui para o desenvolvimento integral do aluno. Assim, a Pedagogia do Acolhimento reafirma que educar é também cuidar das condições humanas da aprendizagem.

## CAPÍTULO IV: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS ACOLHEDORAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

As estratégias pedagógicas acolhedoras são recursos fundamentais para garantir que o aluno autista tenha acesso real ao currículo escolar. A inclusão não se efetiva apenas pela presença do estudante na sala de aula, mas pela possibilidade concreta de compreender, participar e demonstrar aprendizagem. Para isso, o professor precisa planejar práticas que considerem comunicação, sensorialidade, interesses, ritmo e formas de organização cognitiva do aluno. A Pedagogia do Acolhimento orienta que as estratégias sejam construídas de modo flexível, respeitoso e intencional. Assim, o ensino torna-se mais acessível e menos excludente.

O planejamento individualizado é uma das principais estratégias para o ensino do aluno autista. Esse planejamento deve considerar os objetivos curriculares, as necessidades do estudante, os recursos disponíveis e as formas mais adequadas de avaliação. Individualizar não significa isolar o aluno da turma, mas garantir que ele participe das atividades com apoio compatível. O planejamento precisa ser revisto periodicamente, pois o estudante se desenvolve e suas necessidades podem mudar. Dessa forma, a prática pedagógica torna-se dinâmica e responsiva. A escola acolhedora planeja com base na observação e no acompanhamento contínuo.

Conforme Finatto (2025), a análise da inclusão escolar e do autismo à luz das práticas baseadas em evidências reforça a importância de intervenções pedagógicas fundamentadas, observáveis e avaliáveis. Essa contribuição indica que o ensino do aluno autista não deve depender apenas de improvisação ou intuição. Embora a sensibilidade seja importante, ela precisa estar acompanhada de conhecimento e método. A Pedagogia do Acolhimento dialoga com essa perspectiva ao defender práticas planejadas, monitoradas e ajustadas conforme os resultados observados. Acolher é também ensinar com responsabilidade técnica.

Os recursos visuais são estratégias amplamente utilizadas na escolarização de alunos autistas. Quadros de rotina, imagens, pictogramas, cartões de comunicação, mapas conceituais, esquemas e sequências ilustradas ajudam o estudante a compreender informações e organizar ações. Muitos

alunos autistas respondem melhor a informações visuais do que a longas explicações verbais. O uso desses recursos favorece autonomia, reduz ansiedade e amplia a participação. Além disso, recursos visuais podem beneficiar toda a turma, pois tornam as orientações mais claras e objetivas. Assim, sua utilização fortalece a acessibilidade pedagógica.

A rotina estruturada também é indispensável. Para muitos estudantes autistas, a previsibilidade ajuda a compreender o ambiente escolar e preparar-se para as atividades. Mudanças inesperadas podem gerar insegurança, especialmente quando não são explicadas com antecedência. O professor pode utilizar agenda visual, combinados ilustrados, sinalização de horários e antecipação de alterações. Essa organização não torna a escola rígida, mas oferece segurança para que o estudante vivencie novas experiências com menor ansiedade. A previsibilidade, portanto, é uma estratégia de acolhimento e aprendizagem.

Segundo Bezerra (2025), a inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar tem se consolidado como um dos principais desafios da educação, exigindo práticas capazes de responder às especificidades do estudante. Essa análise reforça que as estratégias pedagógicas precisam ser pensadas conforme as necessidades reais do aluno. Não existe uma única metodologia válida para todos os estudantes autistas. A escola precisa combinar recursos visuais, mediação afetiva, adaptação curricular, organização sensorial e acompanhamento contínuo. O acolhimento pedagógico nasce dessa combinação entre sensibilidade e planejamento.

As atividades lúdicas podem favorecer a aprendizagem quando utilizadas com intencionalidade pedagógica. Jogos, músicas, dramatizações, histórias, materiais concretos e brincadeiras estruturadas estimulam comunicação, atenção, interação social e compreensão de conceitos. Para o aluno autista, o lúdico pode tornar a aprendizagem mais significativa, especialmente quando se relaciona aos seus interesses. Contudo, essas atividades precisam ser organizadas com regras claras e apoio visual, evitando excesso de estímulos. O lúdico acolhedor é aquele que respeita o estudante e favorece participação sem gerar desorganização emocional.

A flexibilização curricular é outro elemento central. Ela permite adaptar o modo de ensinar e avaliar sem retirar do aluno o direito ao conhecimento. O

professor pode dividir tarefas em etapas, oferecer modelos, utilizar materiais concretos, ampliar o tempo de realização ou permitir diferentes formas de resposta. Essas adaptações tornam o currículo acessível e ajudam o estudante a demonstrar suas aprendizagens. A flexibilização também combate a ideia equivocada de que todos devem aprender da mesma maneira. A escola inclusiva reconhece que equidade exige respostas pedagógicas diferenciadas.

A organização sensorial do ambiente deve ser planejada como estratégia pedagógica. Barulhos intensos, excesso de cartazes, materiais espalhados ou iluminação inadequada podem interferir na concentração do aluno autista. O professor pode organizar a sala de forma mais clara, reduzir estímulos desnecessários, permitir pausas e criar espaços de autorregulação. Essas medidas favorecem bem-estar e aprendizagem. A Pedagogia do Acolhimento compreende que o ambiente não é neutro; ele pode facilitar ou dificultar a participação. Portanto, cuidar do espaço é também cuidar do processo educativo.

A seguir, apresenta-se a tabela 04 que reúne estratégias pedagógicas acolhedoras aplicáveis ao ensino do aluno autista. A tabela relaciona cada estratégia à sua forma de aplicação e ao benefício esperado para o estudante. Seu objetivo é demonstrar que o acolhimento pode ser materializado em práticas didáticas concretas. A organização da tabela permite visualizar que as estratégias precisam atuar de forma integrada, pois nenhuma delas, isoladamente, resolve todos os desafios da inclusão escolar.

**Tabela 04** - Estratégias pedagógicas acolhedoras aplicáveis ao ensino do aluno autista

<b>Estratégia</b>	<b>Aplicação pedagógica</b>	<b>Benefício esperado</b>
<b>Planejamento individualizado</b>	Definição de objetivos e apoios específicos	Ensino ajustado às necessidades do aluno
<b>Recursos visuais</b>	Imagens, pictogramas e esquemas	Maior compreensão e autonomia
<b>Rotina estruturada</b>	Antecipação de atividades e horários	Redução da ansiedade

<b>Atividades lúdicas</b>	Jogos e materiais concretos	Maior engajamento e interação
<b>Flexibilização curricular</b>	Adaptação de métodos e avaliações	Acesso ao conhecimento
<b>Organização sensorial</b>	Controle de estímulos do ambiente	Melhora do bem-estar e da concentração

**Fonte: Dados da pesquisa (2026).**

A tabela demonstra que o ensino do aluno autista precisa considerar diferentes dimensões da aprendizagem. O planejamento individualizado orienta o professor, enquanto os recursos visuais favorecem a comunicação e a compreensão. A rotina estruturada reduz ansiedade, as atividades lúdicas aumentam o engajamento e a flexibilização curricular amplia o acesso ao conhecimento. A organização sensorial, por sua vez, cria condições físicas e emocionais para a participação. Assim, a tabela mostra que a inclusão exige práticas articuladas e contínuas.

A discussão da tabela permite perceber que as estratégias pedagógicas acolhedoras não devem ser vistas como ações excepcionais. Elas precisam fazer parte da rotina escolar e ser incorporadas ao planejamento docente. Quando o uso de recursos visuais ou adaptações ocorre apenas ocasionalmente, o aluno pode permanecer exposto a barreiras constantes. A escola acolhedora transforma essas estratégias em práticas regulares, avaliando seus efeitos e realizando ajustes sempre que necessário. Dessa forma, o acolhimento deixa de ser discurso e passa a orientar o cotidiano pedagógico.

Outro aspecto apresentado pela tabela é que os benefícios ultrapassam o aluno autista. Recursos visuais, rotinas claras, atividades lúdicas e avaliações flexíveis podem melhorar o ensino para toda a turma. Muitos estudantes, mesmo sem diagnóstico, também se beneficiam de orientações objetivas, materiais concretos e diferentes formas de participação. A inclusão, portanto, qualifica a prática pedagógica geral. A presença do aluno autista pode levar a escola a tornar-se mais organizada, criativa e sensível às diferenças de aprendizagem.

Conforme Medeiros (2025), os direitos educacionais das pessoas autistas no Brasil têm relação direta com políticas públicas e práticas inclusivas capazes de responder às necessidades do público neurodivergente. Essa contribuição reforça que as estratégias pedagógicas não são favores, mas meios de garantir

direitos. A escola precisa compreender que adaptar, flexibilizar e acolher são responsabilidades educacionais. Quando a instituição oferece condições adequadas, fortalece a cidadania do aluno autista e promove justiça educacional.

A avaliação flexível merece destaque entre as estratégias pedagógicas. O aluno autista pode demonstrar conhecimento por meio de desenhos, manipulação de objetos, respostas curtas, seleção de imagens, produção oral mediada ou atividades práticas. Se a escola utiliza apenas provas escritas padronizadas, pode não reconhecer aprendizagens importantes. Avaliar de forma acolhedora significa observar processos, registrar avanços e respeitar diferentes formas de expressão. Essa prática não elimina critérios, mas torna os critérios mais compatíveis com a diversidade dos estudantes.

A tecnologia assistiva também pode contribuir para a aprendizagem. Aplicativos de comunicação, vídeos, tablets, jogos digitais educativos e recursos de leitura podem favorecer autonomia e participação. Contudo, a tecnologia precisa ser utilizada com objetivos pedagógicos claros. Não basta introduzir aparelhos sem planejamento; é necessário avaliar se o recurso realmente ajuda o estudante a compreender, comunicar-se ou realizar atividades. A Pedagogia do Acolhimento orienta o uso da tecnologia como meio de acessibilidade, e não como substituição da mediação humana.

O trabalho colaborativo entre professores da sala comum e profissionais do Atendimento Educacional Especializado pode fortalecer as estratégias pedagógicas. O AEE pode contribuir com recursos, orientações, materiais adaptados e análise das necessidades do estudante. Quando esse trabalho ocorre de forma articulada, as estratégias deixam de ser fragmentadas. O aluno autista recebe apoio mais coerente e a escola amplia sua capacidade inclusiva. A colaboração profissional é, portanto, componente essencial de uma prática acolhedora e efetiva.

A adaptação de atividades deve preservar o sentido pedagógico da aprendizagem. Em alguns casos, adaptações inadequadas apenas ocupam o aluno com tarefas simplificadas, sem relação com o conteúdo trabalhado pela turma. A Pedagogia do Acolhimento rejeita esse tipo de exclusão disfarçada. O estudante autista deve participar do currículo, ainda que por caminhos diferenciados. Isso exige criatividade, planejamento e conhecimento do

professor. Adaptar com qualidade é garantir que o aluno aprenda algo significativo e relacionado aos objetivos educacionais.

As estratégias pedagógicas acolhedoras também exigem registro. O professor precisa acompanhar quais recursos funcionam, quais dificuldades persistem e quais avanços foram observados. Esses registros ajudam a planejar novas intervenções e a dialogar com família e equipe pedagógica. Sem acompanhamento, a prática pode tornar-se repetitiva ou pouco efetiva. Registrar não significa burocratizar o ensino, mas compreender o percurso do aluno. A inclusão qualificada depende dessa observação sistemática.

Portanto, as estratégias pedagógicas acolhedoras facilitam o ensino do aluno autista porque removem barreiras e criam condições de participação. Planejamento individualizado, recursos visuais, rotina estruturada, atividades lúdicas, flexibilização curricular, avaliação diversificada, tecnologia assistiva e organização sensorial compõem um conjunto de ações indispensáveis. Essas estratégias tornam o currículo mais acessível e fortalecem o vínculo entre estudante e escola. A Pedagogia do Acolhimento demonstra que ensinar o aluno autista exige competência técnica, sensibilidade humana e compromisso ético com a inclusão.

## **CAPÍTULO V: A PEDAGOGIA DO ACOLHIMENTO COMO CAMINHO PARA UMA ESCOLA HUMANIZADA E INCLUSIVA**

A Pedagogia do Acolhimento representa um caminho para a construção de uma escola humanizada, democrática e inclusiva. Uma escola humanizada é aquela que reconhece o estudante como sujeito integral, considerando suas dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais. No caso do aluno autista, essa perspectiva exige superar práticas excludentes, preconceitos e modelos pedagógicos rígidos. A escola precisa compreender que o direito à educação envolve acesso, permanência, participação e aprendizagem. Assim, o acolhimento torna-se princípio estruturante da qualidade educacional, pois fortalece a dignidade e o pertencimento do estudante.

A inclusão do aluno autista não pode ser tratada como favor ou concessão. Trata-se de direito fundamental que exige compromisso institucional e políticas pedagógicas efetivas. A escola acolhedora organiza suas práticas para garantir que o estudante participe de atividades acadêmicas, sociais, culturais e recreativas. Isso envolve professores preparados, gestão democrática, diálogo com a família e combate ao capacitismo. A humanização da escola ocorre quando todos os sujeitos são reconhecidos em sua singularidade. Dessa forma, a Pedagogia do Acolhimento contribui para transformar a cultura escolar.

Conforme Souza (2026), a discussão sobre práticas pedagógicas utilizadas no ensino regular com estudantes autistas evidencia a necessidade de garantir aprendizagem e inclusão de maneira articulada. Essa contribuição reforça que a escola não deve separar inclusão social de aprendizagem acadêmica. O aluno autista precisa conviver, mas também precisa aprender. A Pedagogia do Acolhimento une essas dimensões ao defender que o estudante seja acolhido emocionalmente e desafiado pedagogicamente. Assim, a escola humanizada não reduz expectativas, mas oferece apoios para que o aluno alcance seu desenvolvimento.

A gestão democrática é uma dimensão central da escola acolhedora. Quando decisões são tomadas coletivamente, a comunidade escolar participa da construção de estratégias inclusivas. Professores, famílias, estudantes, profissionais de apoio e equipe gestora precisam dialogar sobre necessidades,

dificuldades e possibilidades. A inclusão torna-se mais forte quando não depende de ações isoladas. A gestão democrática permite que o acolhimento seja incorporado ao projeto político-pedagógico, ao planejamento anual e às práticas avaliativas. Portanto, humanizar a escola exige participação coletiva e corresponsabilidade.

O combate ao capacitismo é indispensável para a construção de uma escola inclusiva. O capacitismo aparece quando se considera o aluno autista incapaz, quando se ignoram suas potencialidades ou quando se naturaliza sua exclusão das atividades. Essas práticas podem ocorrer de forma explícita ou sutil, por meio de baixas expectativas e ausência de oportunidades. A Pedagogia do Acolhimento combate esse problema ao afirmar que todo estudante pode aprender quando recebe apoio adequado. Assim, a escola precisa revisar suas crenças, linguagens e decisões pedagógicas.

Segundo Silva Bezerra (2025), a inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar tem se consolidado como desafio relevante, exigindo ações que considerem o desenvolvimento, a participação e o respeito às diferenças. Essa análise reforça que a humanização da escola depende de práticas cotidianas e não apenas de documentos institucionais. Acolher significa transformar a rotina, as relações e os modos de ensinar. Quando a escola se compromete com essa transformação, o aluno autista encontra condições mais favoráveis para desenvolver suas capacidades.

A escola humanizada também valoriza a formação integral. O aluno autista não deve ser visto apenas pelo desempenho em conteúdos escolares, mas também por seu desenvolvimento emocional, social, comunicacional e ético. A aprendizagem envolve autonomia, convivência, expressão, participação e construção de identidade. A Pedagogia do Acolhimento amplia a compreensão de educação ao considerar essas dimensões. Isso não significa abandonar o currículo, mas integrá-lo ao desenvolvimento humano. A escola inclusiva ensina conteúdos e, ao mesmo tempo, forma sujeitos para a vida social.

A parceria com a família fortalece a escola humanizada. A família não deve ser chamada apenas em momentos de dificuldade, mas incluída no acompanhamento contínuo da trajetória escolar. O diálogo permite compreender melhor o estudante, alinhar estratégias e celebrar avanços. A escola acolhedora evita culpabilizar os responsáveis e busca construir relação de cooperação. Para

muitas famílias de alunos autistas, a escola pode representar espaço de apoio, orientação e esperança. Portanto, acolher a família é também acolher o estudante.

A convivência entre estudantes precisa ser mediada para que a inclusão seja efetiva. O aluno autista pode enfrentar isolamento quando a turma não compreende suas formas de comunicação ou participação. A escola pode desenvolver projetos sobre respeito às diferenças, rodas de conversa, atividades cooperativas e campanhas de conscientização. Essas ações ajudam a construir uma cultura de empatia. A humanização escolar depende da formação de todos os estudantes para a convivência democrática. Assim, a inclusão torna-se aprendizagem coletiva.

A seguir, apresenta-se a tabela 05 com princípios que orientam a escola humanizada e inclusiva fundamentada na Pedagogia do Acolhimento. A tabela relaciona cada princípio às suas características e aos impactos esperados no cotidiano escolar. Sua finalidade é mostrar que a escola acolhedora precisa articular dimensões éticas, pedagógicas e institucionais. Dessa maneira, a tabela contribui para compreender que a humanização da escola depende de práticas coletivas e permanentes.

**Tabela 05** - Princípios que orientam a escola humanizada e inclusiva fundamentada na Pedagogia do Acolhimento

<b>Princípio</b>	<b>Característica na escola acolhedora</b>	<b>Impacto esperado</b>
<b>Inclusão como direito</b>	Garantia de acesso, permanência e aprendizagem	Justiça educacional
<b>Humanização das relações</b>	Empatia, escuta e respeito	Pertencimento e autoestima
<b>Gestão democrática</b>	Decisões participativas e planejamento coletivo	Compromisso institucional
<b>Cultura anticapacitista</b>	Combate a preconceitos e baixas expectativas	Valorização da neurodiversidade

<b>Formação continuada</b>	Estudos e atualização da equipe escolar	Práticas mais qualificadas
<b>Parceria com a família</b>	Diálogo e construção conjunta de estratégias	Apoio integral ao estudante

**Fonte: Dados da pesquisa (2026).**

A tabela demonstra que a escola acolhedora depende de princípios articulados. A inclusão como direito oferece a base ética, enquanto a humanização das relações garante que o estudante seja respeitado em sua singularidade. A gestão democrática transforma a inclusão em responsabilidade coletiva, e a cultura anticapacitista combate práticas discriminatórias. A formação continuada qualifica a equipe, e a parceria com a família amplia a rede de apoio. Portanto, a tabela evidencia que a Pedagogia do Acolhimento exige compromisso institucional amplo.

A discussão da tabela permite perceber que a humanização não se resume à cordialidade. Uma escola pode ser gentil no discurso e, ainda assim, manter práticas excludentes se não adapta atividades, não forma professores ou não combate preconceitos. Por isso, a Pedagogia do Acolhimento exige coerência entre princípios e ações. A escola humanizada precisa demonstrar seu compromisso por meio de planejamento, recursos, avaliação e relações respeitadas. Acolher é agir de modo concreto para garantir direitos.

Outro ponto importante da tabela é a cultura anticapacitista. Ela exige que a escola revise ideias naturalizadas sobre deficiência e autismo. O aluno autista não deve ser visto como incapaz, nem como alguém que apenas ocupa espaço na sala de aula. Ele deve ser reconhecido como estudante que aprende, participa e contribui para a comunidade escolar. Combater o capacitismo significa ampliar oportunidades e expectativas. Essa mudança cultural é indispensável para uma inclusão verdadeira.

Conforme Medeiros e Fernandes (2025), a consolidação dos direitos educacionais para pessoas autistas no Brasil envolve avanços legais e desafios práticos relacionados à efetivação da educação inclusiva. Essa perspectiva reforça a análise da tabela, pois mostra que o direito precisa transformar-se em prática. A escola não pode limitar-se a conhecer a legislação; deve criar condições reais de aprendizagem. A Pedagogia do Acolhimento atua como ponte entre o direito formal e a experiência concreta do estudante.

A formação continuada, destacada na tabela, é condição para a permanência de práticas inclusivas. Sem estudo e reflexão, a escola pode repetir estratégias inadequadas ou baseadas em estereótipos. A formação permite compreender o autismo de forma mais ampla, discutir casos, planejar adaptações e avaliar resultados. Ela também fortalece a segurança do professor e reduz a sensação de isolamento. Uma escola humanizada cuida dos estudantes e apoia os profissionais que trabalham com eles.

A escola acolhedora precisa incluir o aluno autista em atividades culturais, esportivas, recreativas e projetos pedagógicos. Muitas vezes, a exclusão ocorre não apenas nas aulas, mas em eventos, apresentações, passeios e atividades coletivas. A Pedagogia do Acolhimento orienta que todos esses momentos sejam planejados com acessibilidade. O estudante autista tem direito de participar da vida escolar em sua totalidade. Isso fortalece pertencimento e amplia experiências de socialização.

A humanização da escola também envolve a valorização das pequenas conquistas. Para alguns alunos autistas, permanecer em uma atividade coletiva, comunicar uma necessidade, aceitar uma transição ou interagir com um colega pode representar avanço significativo. A escola precisa reconhecer esses progressos e registrá-los como parte do desenvolvimento. Essa valorização não substitui objetivos acadêmicos, mas amplia a compreensão sobre o percurso do estudante. Acolher é enxergar avanços que avaliações tradicionais muitas vezes ignoram.

A Pedagogia do Acolhimento contribui para criar uma escola mais justa para todos. Estratégias inclusivas, como rotina clara, recursos visuais, avaliação diversificada e relações empáticas, beneficiam também estudantes sem diagnóstico. Isso mostra que a inclusão não fragiliza a qualidade do ensino; ao contrário, amplia sua capacidade de atender diferentes necessidades. Uma escola preparada para o aluno autista torna-se mais sensível, organizada e democrática. Portanto, a inclusão qualifica a educação como um todo.

A construção de uma escola humanizada exige continuidade. Não basta realizar uma palestra sobre autismo ou uma ação pontual no mês de conscientização. Acolhimento precisa estar presente no planejamento anual, na formação docente, nas reuniões pedagógicas, na avaliação e na relação com as famílias. A inclusão é processo permanente, que exige revisão constante.

Quando a escola compreende isso, deixa de tratar o aluno autista como exceção e passa a organizar-se para a diversidade.

Portanto, a Pedagogia do Acolhimento constitui caminho essencial para uma escola inclusiva, humanizada e comprometida com o desenvolvimento integral do aluno autista. Ela articula direitos, vínculos, planejamento, acessibilidade, formação e participação coletiva. Ao reconhecer o estudante como sujeito de potencialidades, a escola supera práticas excludentes e fortalece uma cultura de pertencimento. A inclusão verdadeira acontece quando o aluno autista aprende, convive, participa e é respeitado. Assim, a escola acolhedora torna-se espaço de cidadania, dignidade e transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia do Acolhimento nos permitiu ver que ela pode servir como uma cola entre estratégias educacionais inclusivas que são apropriadas para o ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Ao longo dos capítulos, ficou claro para mim que a inclusão escolar não pode ser apenas sobre o acesso físico do aluno ao ambiente escolar, mas também sobre as boas condições para participação, aprendizado, desenvolvimento emocional e pertencimento social. O acolhimento pedagógico é, portanto, um princípio de enquadramento de uma escola que se preocupa em valorizar a diversidade e o direito à educação de qualidade, e não um quadro para o sistema educacional.

Como discutimos em nossas sessões, o aluno autista tem necessidades educacionais específicas em comunicação, interação social, organização sensorial e flexibilidade cognitiva, e a escola precisa responder a elas de maneira sensível, planejada e humanisticamente baseada. Mas também ficou evidente que essas necessidades não devem ser percebidas como barreiras para o aprendizado, mas sim como algumas das coisas que precisam ser atualizadas na educação e devem ser atendidas, assim como estratégias de acessibilidade pedagógica. A Pedagogia do Acolhimento, portanto, deixa claro que a diferença não é uma deficiência de aprendizagem, mas uma condição humana e deve ser reconhecida e abordada no ambiente escolar.

Outro aspecto que tem sido amplamente discutido é o amor, a escuta e a construção de vínculos na educação de estudantes autistas. O vínculo pedagógico baseado na empatia, respeito e segurança emocional é um elemento muito positivo da participação escolar e da autonomia e desenvolvimento cognitivo do aluno. Assim, o afeto não é apenas um fator secundário na prática docente, mas um dos elementos mais importantes da mediação pedagógica e da construção de um ambiente escolar mais inclusivo e democrático.

O trabalho também destacou que a inclusão escolar de estudantes autistas requer planejamento pedagógico flexível e estratégias metodológicas acessíveis. Recursos visuais, rotinas estruturadas, atividades lúdicas, flexibilidade curricular, organização sensorial dos ambientes e avaliações diversificadas têm sido fundamentais no apoio à aprendizagem e engajamento

do aluno. Nesse contexto, práticas pedagógicas acolhedoras não diminuem a qualidade do ensino, mas facilitam a incorporação ao currículo dos diferentes tipos de aprendizagem que temos hoje.

As análises desenvolvidas também permitiram refletir sobre as barreiras enfrentadas pelas instituições educacionais na consolidação da educação inclusiva. A formação de professores, políticas públicas, práticas capacitistas e a falta de recursos pedagógicos ainda dificultam a implementação completa do direito à educação inclusiva para muitas crianças autistas. A inclusão escolar não é simplesmente tarefa do professor, mas também um compromisso coletivo da gestão escolar, famílias, profissionais especializados e políticas educacionais em relação à acessibilidade e equidade.

Outra parte importante da formação inicial e contínua dos profissionais da educação é aprimorar a formação de professores. Práticas pedagógicas acolhedoras exigirão uma melhor compreensão do autismo, neurodiversidade, acessibilidade pedagógica e práticas inclusivas. Professores que se preparam para isso devem estar mais confortáveis com o processo de mediação da aprendizagem e mais sensíveis aos alunos autistas individuais; assim, experiências educacionais mais humanas e significativas.

O envolvimento familiar também foi uma parte crucial do processo inclusivo. A escola e os responsáveis trabalham juntos para entender melhor as necessidades dos alunos, as relações afetivas e os esforços pedagógicos. A escola acolhedora sabe que a inclusão não se trata de um único sujeito, mas de redes de apoio, conversa aberta com todos os sujeitos na jornada escolar do aluno autista. Além disso, o trabalho reforçou uma cultura escolar anti-capacitista baseada no respeito às diferenças e na compreensão da neurodiversidade.

A necessidade de erradicar o preconceito e as baixas expectativas nas escolas para que os alunos autistas sejam incluídos na educação e na sociedade é um fator essencial para que a integração dos alunos autistas seja ética e democrática. A escola inclusiva precisa reconhecer o aluno autista como sujeito de potencial e participação social e de aprendizagem e romper padrões de exclusão e invisibilidade.

Pode-se concluir que a Pedagogia do Acolhimento é um primeiro passo necessário para uma educação inclusiva verdadeiramente humanizada. É através da articulação do afeto, acessibilidade, planejamento pedagógico,

escuta sensível e envolvimento coletivo que podemos transformar a escola em um lugar onde toda a comunidade possa fazer parte da aprendizagem e da justiça humana e social. Mas o aluno autista precisa de apoio institucional permanente, uma reflexão sobre o mundo atual da educação e aceitação das diferenças como parte da experiência humana e da educação.

Finalmente, esperamos que este trabalho contribua para uma reflexão acadêmica mais ampla, em direção a uma pedagogia mais inclusiva e a novas pesquisas na educação autista. Mais do que apenas nos dizer como trabalhar, este livro procurou destacar que acolher é valorizar a humanidade do outro (em suas formas individuais) e criar condições para que todos os alunos aprendam, coexistam e prosperem com dignidade. Assim, a Pedagogia do Acolhimento é um dos veículos fundamentais para a construção de escolas mais democráticas e inclusivas, baseadas no direito universal à educação.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, C. G. Inclusão de estudantes com autismo na educação infantil. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, 2026.
- BEZERRA, J. R. da S. Inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista em espaços escolares. **Revista OWL**, 2025.
- CAMARGO, A. P. L. Os desafios da inclusão de crianças com autismo nas escolas. **Revista Jurídica**, 2024.
- FINATTO, M. Inclusão escolar e autismo: uma análise à luz das práticas baseadas em evidências. **Revista Práxis Educacional**, 2025.
- GARCIA, M. G. Práticas educativas para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Foco**, 2026.
- MEDEIROS, M. F. D. Autismo e inclusão: desafios e políticas no contexto educacional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Jurídica**, 2025.
- MEDEIROS, M. F. D.; FERNANDES, R. A. Direitos educacionais e inclusão de pessoas autistas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Jurídica**, 2025.
- MOURA, T. da S. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista na sala de aula. **Revista Científica do IFRJ**, 2024.
- PANTOJA, I. C. G. O autismo e a educação escolar na perspectiva da inclusão. Universidade Federal de Rondônia, 2023.
- RESENDE, D. M. da S.; SILVA, L. F. A inclusão de crianças autistas no ensino regular público. **Anais do CONEDU**, 2023.
- SILVA BEZERRA, J. R. Inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar. **Revista OWL**, 2025.
- SOUZA, F. S. **Autismo e inclusão escolar: o que indicam as produções científicas brasileiras**. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2025.
- SOUZA, L. D. R. Possíveis caminhos para a inclusão de alunos autistas no ensino regular. **Revista Educação Especial**, 2026.
- STECIUK, G. A. Autismo e práticas pedagógicas na educação infantil. **Revista Professore**, 2024.
- YAEGASHI, S. F. R. Um estudo sobre a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Universidade de São Paulo, 2022.

## ***SOBRE O AUTOR:***



Patric Devyd Gomes Vieira

[patric-devyd@hotmail.com](mailto:patric-devyd@hotmail.com)

<https://lattes.cnpq.br/0735417415686023>

Professor da rede pública, mestre em educação e mestrando em Educação Inclusiva - PROFEI - UEMA, graduado em Matemática, Computação e Pedagogia, especialização em Ensino da Matemática, Ciências e suas tecnologias e em Gestão e Supervisão Educacional. Professor Formador na área da Educação, atualmente coordenador das séries finais do Município de Santana do Maranhão - MA. Professor Formador da Universidade Federal do Piauí. Pesquisador CAPES/MEC, linhas de pesquisa: Tecnologias, ensino da Matemática, Tecnologias Assistivas e Transtorno do Espectro Autista.